Caderno de resumos

Sumário

NA TERCEIRA MARGEM: ROSA E OS CLÁSSICOS 4

GRANDE SERTÃO:VEREDAS, VERSA A POESIA DE DANTE, FAUSTO E A TRAVESSIA DE DON QUIXOTE **4**

REFLEXOS DA TRADIÇÃO CLÁSSICA: NARCISO, O ESPELHO MACHADIANO E A REINVENÇÃO ROSIANA DA IDENTIDADE **4**

DIADORIM É A MINHA NEBLINA": LUTO E DISCURSO ELEGÍACO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS **5**

MATÉRIA VERTENTE: ROSA E SEUS LEITORES 7

HOMEM HUMANO E NATUREZA NÃO HUMANA NO *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* **7**

INVENTORES DE ASAS, ARQUITETOS DE LABIRINTOS: RADUAN NASSAR, GUIMARÃES ROSA E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO **7**

DO GRANDE SERTÃO À CIDADE LIVRE NO GRANDE TEMPO **8**

AS MARGENS DA FICÇÃO EM "TUTAMEIA", DE GUIMARÃES ROSA **8**

"PIRLIMPSIQUICE" ENTRE A PREVISAO DA ARTE DOMESTICADA E O IMPREVISTO DA EXPERIÊNCIA ARTISTICA **9**

A FOME E O CORPO: UMA LEITURA DESCOLONIAL DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS **9**

TRAVESSIAS DO "GRANDE SERTÃO: VEREDAS": A TRANSPOSIÇÃO INTERMIDIÁTICA DE DO ROMANCE PARA OS QUADRINHOS **10**

O EU E O OUTRO NA PROSA ROSIANA 11

DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* A *TUTAMEIA*: UMA HIPÓTESE DE TRABALHO SOBRE A OBRA DE GUIMARÃES ROSA **11**

ALTERIDADE NO "GRANDE SERTÃO: VEREDAS": A VIOLÊNCIA DE HERMÓGENES E A CONSTRUÇÃO DO DUPLO MONSTRUOSO **11**

DUPLO ESPELHAMENTO DESIGUAL: O JOGO DA ALTERIDADE NA FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS ESTÓRIAS **12**

O ROSTO DO OUTRO NO SERTÃO: ALTERIDADE, CONTEXTO E ÉTICA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* **12**

CONTAR O SERTÃO, NARRAR A SI: ESCUTA E ALTERIDADE EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS E A PORTA ABERTA DO SERTÃO **13**

O INTERLOCUTOR SILENCIOSO E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO EM *MEU TIO, O IAUARETÊ*, DE GUIMARÃES ROSA **13**

VOZ-ONÇA E DEVIR ANIMAL EM GUIMARÃES ROSA: A ZOOPOÉTICA DECOLONIAL DE *MEU TIO O IAUARETÊ* **14**

DUPLO ESPELHAMENTO DESIGUAL: O JOGO DA ALTERIDADE NA FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS ESTÓRIAS **15**

MEMÓRIA, HISTÓRIA E PENSAMENTO SOCIAL EM GUIMARÃES ROSA 16

MORTE CÊNICA E PERVIVÊNCIA FABULOSA EM GUIMARÃES ROSA: "PÁRAMO" E "ESSES LOPES" **16**

GUIMARÃES ROSA: POETA DA "NOVA CIVILIZAÇÃO" E OUTROS MITOS FLUSSERIANOS **16**

UM LÉXICO PARA DUAS VIDAS: INVENÇÃO E MEMÓRIA EM "A TERCEIRA MARGEM DO RIO" **17**

O SENSÍVEL PARTILHADO EM JOÃO GUIMARÃES ROSA: UMA ANÁLISE DO CONTO OS IRMÃOS DAGOBÉ À LUZ DA TEORIA DE JACQUES RANCIÈRE **17**

DO SERTÃO AO MUNDO: OS INSTITUTOS GUIMARÃES ROSA E A DIPLOMACIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA AMÉRICA HISPÂNICA **17**

ENTRE PARAOPEBA E CORDISBURGO: MEMÓRIA, HISTÓRIA E TERRITÓRIO NA GENEALOGIA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA 18

OS SERTÕES NA SALA DE AULA: ABORDAGENS POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO LITERÁRIA 19

JOÃO GUIMARÃES ROSA PARA CRIANCAS PEQUENAS 19

ENTRE PÁGINAS E TERRITÓRIOS: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO SOBRE MORADIA E DESIGUALDADE SOCIAL 19

O SERTÃO DENTRO DA GENTE: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS E ORALIDADE ENTRE EDUCADORES 20

Simpósio

Na terceira margem: Rosa e os Clássicos

coordenação de Alexandre Agnolon

Maria Francisca Mota
Instituto Federal de Goias - IFG LUZIÂNIA

Grande sertão:veredas, versa a poesia de Dante, Fausto e a travessia de Don Quixote

RESUMO: Grande Sertão:Veredas (1956), de João Guimarães Rosa amálgama em sua tessitura poética múltiplas formas, transcendentes e mutantes, desde o estudo da poesia clássica (Poética aristotélica) de obras como a Ilíada e Odisséia, até chegar à reescrita do mito fáustico de Johann Goethe. Nesta comunicação, analisar-se a presença do mito clássico, enquanto retomada do feitio poético das formas clássicas; do Fausto I e II, poema de Johann Goethe; da proposição quixotesca que inaugura o gênero romance - Cervantes - 1605; da poesia de Dante (A Divina Comédia) e alegoria da travessia de Riobaldo pelo Sertão-mundo, na batalha infindável entre deus e o diabo. Guimarães Rosa propõe novas conjecturas para a lírica de prosa versada e rimada. Outrossim, trata-se da alegoria histórica do Cangaço no sertão de Minas Gerais e Goiás, sem olvidar o mundo metafísico, nuances de encruzilhadas mágicas; matéria vertente para a tessitura de sua prosa poética em GS:V.
PALAVRAS-CHAVES: Grande Sertão: Veredas. Fausto. Don Quixote de La Mancha. Divina Comédia.

Reflexos da tradição clássica: Narciso, o espelho machadiano e a reinvenção rosiana da identidade

Edson Ferreira Martins
Universidade Federal de Ouro Preto

Nesta comunicação, propomos investigar a recepção da tradição clássica na poética de João Guimarães Rosa, tomando como corpus privilegiado o conto "O Espelho", integrante de "Primeiras Estórias" (1962). Partimos da hipótese de que o texto rosiano dialoga, direta ou indiretamente, com uma tradição literária, de longa duração, acerca do motivo do espelho como figura de autoconhecimento, duplicidade e metamorfose identitária — tradição essa cujas raízes remontam à Antiguidade clássica, particularmente, às "Metamorfoses" de Ovídio, pela alusão rosiana à figura de Tirésias e aos ecos do mito narcísico, e que encontra, na literatura brasileira, uma reelaboração emblemática no conto homônimo de Machado de Assis, recolhido pelo autor fluminense em "Papéis Avulsos" (1882). A metodologia da pesquisa fundamenta-se na análise do modo de utilização de dispositivos poético-retóricos vinculados às práticas da imitatio e da aemulatio, entendidas, em um contexto pós-romântico, não apenas como a adequação a modelos, mas como recurso a operações criativas em que a apropriação do

clássico se traduz como trans-formação e re-fundação da própria ideia de tradição mítica e literária dentro da cultura brasileira. A partir dessa orientação teórico-metodológica, propõe-se uma releitura tríptica que coloque em diálogo os três textos mencionados, buscando evidenciar continuidades e rupturas no tratamento do tema do espelho, da alteridade e da fragmentação do sujeito, ao longo da tradição tanto filosófica quanto literária ocidental. Espera-se demonstrar que Guimarães Rosa, ao retomar e reinventar o motivo especular, já explorado, entre outros, por Ovídio e por Machado de Assis, inscreve a sua narrativa (o espelho rosiano) numa longa tradição de reflexão sobre a identidade e a aparência, ao mesmo tempo em que a submete a um processo de radical reelaboração linguística e filosófica, marca d'água de seu projeto estético. A comunicação pretende, assim, contribuir para os estudos de recepção clássica na literatura brasileira, evidenciando a fecundidade do diálogo intertextual entre a Antiguidade greco-latina, a tradição machadiana e a prosa rosiana contemporânea por meio de uma cadeia de recepções que tem atravessado diferentes épocas, línguas, culturas, públicos e autores.

Guimarães Rosa; O Espelho; recepção clássica; Ovídio; Machado de Assis.

Diadorim é a minha neblina": luto e discurso elegíaco em Grande sertão: veredas

Sandro Adriano da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho propõe uma leitura de Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa, a partir de sua dimensão elegíaca, considerando o relato de Riobaldo como um discurso constituído sob o signo do luto por Diadorim. A fortuna crítica do romance já reconheceu, em outros termos, a centralidade dessa paixão na economia narrativa da obra. Willi Bolle (2001) demonstra como a relação entre os dois jagunços funciona como medium de reflexão, através do qual o romance elabora, simultaneamente, uma cartografia afetiva e uma cartografia do sertão, de modo que o amor não se separa da construção do próprio espaço narrado. Walnice Nogueira Galvão (1986), por sua vez, ao investigar as ambiguidades estruturais do texto, situa a indeterminação de gênero de Diadorim como núcleo gerador da hesitação interpretativa que percorre toda a trama, hesitação que se prolonga, no plano do desejo, na oscilação de Riobaldo entre reconhecer e recusar aquilo que sente.

A morte não comparece apenas como acontecimento situado no desfecho da trajetória jagunça, pois a situação retrospectiva da narrativa faz com que Diadorim esteja, desde o presente da enunciação, irremediavelmente perdido para aquele que o recorda. Essa condição retrospectiva aproxima o romance dos mecanismos descritos por Paul Ricoeur (2000) a propósito da relação entre memória e narrativa, para quem contar uma vida implica reconfigurar o passado a partir de um ponto de chegada que ilumina, retroativamente, o sentido dos acontecimentos vividos. Walter Benjamin (1985) observa algo próximo em sua reflexão sobre a figura do narrador, ao afirmar que a experiência transmitida pela narração tradicional se organiza em torno da morte, fonte de autoridade daquele que rememora e

sanciona, com sua irreversibilidade, o valor do que é contado. Em Riobaldo, essa autoridade advém precisamente da revelação póstuma, o corpo de Diadorim revelado como corpo de mulher obriga a reler tudo o que precedeu a morte sob uma luz distinta. Ao recompor encontros, falas, gestos, silêncios e pressentimentos, Riobaldo retorna a um passado que a revelação do corpo morto obriga a compreender de outra maneira. Seu luto envolve, assim, uma dupla perda, a morte da pessoa amada e a descoberta tardia de uma possibilidade amorosa que somente pode ser reconhecida quando já não pode converter-se em experiência futura. Essa estrutura aproxima o romance do trabalho de luto tal como Freud (1917) o descreve, processo pelo qual o sujeito é chamado a retirar, pouco a pouco e a cada lembrança, o investimento depositado no objeto perdido, tarefa que em Riobaldo se cumpre não pelo esquecimento, mas pela reiteração obsessiva da narração, como se narrar fosse a única forma de manter vinculado ao presente aquilo que a morte tornou irrecuperável. Jaime Ginzburg (2013), ao examinar as articulações entre violência e melancolia na literatura brasileira, sugere que esse tipo de discurso, marcado pela impossibilidade de concluir o luto, tende a produzir uma temporalidade estagnada, em que o sujeito permanece capturado pela cena da perda mesmo quando aparenta avançar no relato, o que ilumina o caráter circular e reincidente da fala riobaldiana. A forma descontínua da rememoração, marcada por retornos, correções e antecipações, permite observar como Diadorim permanece atuante na linguagem daquele que sobrevive. Essa permanência aproxima Grande sertão: veredas da elegia como gênero, tal como reconstituída por Peter Sacks (1985), para quem o discurso elegíaco não comunica simplesmente uma perda, mas encena, na própria estrutura do texto, o deslocamento do afeto do objeto perdido para a linguagem que o substitui. Nessa perspectiva, narrar constitui uma tentativa de conferir forma à ausência sem suprimi-la, enquanto o gesto elegíaco alcança também o próprio Riobaldo, obrigado a reler, depois da perda, sua história, seu desejo e os limites do saber que possuía sobre si e sobre aquele que amou."

Grande sertão: veredas. Romance brasileiro. Guimarães Rosa. Romance elegíaco.

Matéria vertente: Rosa e seus leitores

Coordenação Emilio Maciel

Homem humano e natureza não humana no *Grande sertão: veredas*

Resumo: Entre o homem, "única criatura que se recusa a ser o que é", como definiu Albert Camus e as personagens não humanas, rios, pássaros, veredas, bichos e montes que compõem a paisagem sertaneja, o embate entre o ser e o mundo, figuração fundamental para a forma do romance moderno, em *Grande sertão: veredas* se desdobra em configurações distintas e renovadas. Um dentre os tantos materiais heteróclitos utilizados por Guimarães Rosa para compor sua obra-prima, a paisagem natural é motivo, descoberta e condicionante capaz de se impor, de maneira indeterminada em seu modo de ser e determinante dos destinos do indivíduo ficcional projetado na obra. A presente investigação parte de pressupostos da ecocrítica para refletir sobre a forma como o romance nos convida a pensar as contradições envolvidas na relação entre o sujeito humano e a natureza não humana.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; ecocrítica; forma romanesca

Inventores de asas, arquitetos de labirintos: Raduan Nassar, Guimarães Rosa e a Estética da Recepção

Alexandre Amorim
UERJ

Resumo: Análise dos livros Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, e Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar, autores conscientes da abertura interpretativa de sua criação ficcional. A presença permanente de novas interpretações em suas obras se traduz na recriação de realidades, como se entrássemos em um labirinto em constante expansão. A mímesis ocorrida é o processo de construção do labirinto, e as direções que esse labirinto vai tomar são imprevisíveis.
Para que esse evento ocorra nas obras de Nassar e Rosa, é indispensável que ocorra o efeito estético da recepção proposto por Hans Roberto Jauss: uma compreensão da obra ligada ao horizonte estético do leitor, que também pode ser expandido através da interação entre obra e receptor. Assim, o labirinto passa a ser construído também pelo leitor da obra, sendo a interpretação um constante devir através dessa interação.

Palavras-chave: Interpretação; Efeito estético; Teoria da Recepção

DO GRANDE SERTÃO À CIDADE LIVRE NO GRANDE TEMPO

Otávio Augusto Buzar Perroni
Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, a partir do conceito bakhtiniano de “grande tempo”, investigando de que maneira sua matéria estética ultrapassa os limites históricos e formais do romance e se reacentua na literatura brasileira posterior. Parte-se da hipótese de que o sertão rosiano não se encerra em seu espaço geográfico nem na contemporaneidade de 1956, mas constitui um cronotopo de longa duração, cuja permanência pode ser percebida na passagem do sertão à cidade e, particularmente, na construção literária de Brasília. Nesse percurso, *Cidade Livre*, de João Almino, será tomada como réplica dialógica a *Grande sertão: veredas*, na medida em que reinscreve, no espaço paradigmático da modernidade brasileira, estruturas arcaicas que a utopia racional e modernizadora pretendia superar. A análise terá como eixo privilegiado a continuidade simbólica entre Compadre Quelemém, interlocutor espiritual de Riobaldo, e Íris Quelemém, personagem de Almino que transporta para Brasília o misticismo e a memória profunda do sertão. Pretende-se demonstrar, assim, que a modernização não extingue o arcaico, mas o reconfigura, ao mesmo tempo que a obra rosiana permanece aberta às sucessivas reacentuações produzidas por seus leitores. Sob essa perspectiva, a “matéria vertente” de Rosa transborda o próprio dispositivo-romance: atravessa obras, tempos e cronotopos, convertendo a aparente oposição entre sertão e cidade, tradição e modernidade, em diálogo inconcluso no grande tempo da literatura.

Guimarães Rosa; grande tempo; dialogismo; sertão; Brasília.

As margens da ficção em "Tutameia", de Guimarães Rosa

Alexandre Luiz Ribeiro da Fonseca Júnior
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

A presente comunicação objetiva-se a discutir como o livro de contos Tutameia – Terceiras Estórias, de João Guimarães Rosa, publicado em 1967, contém, em si, a síntese da poética rosiana. Valendo-se dos estudos do pensador e filósofo francês contemporâneo Jacques Rancière (2021) e das discussões da pesquisadora Clara Rowland (2011) sobre a obra de Guimarães Rosa, constataremos que as estórias reunidas em Tutameia, na tensa e intricada dialética entre o registro escrito da literatura e o registro oral sertanejo, entre o livro e a narração, desafiam a lógica aristotélica de uma ficção enredada apenas em uma temporalidade específica, qual seja, as dos homens que agem, considerados como homens ativos, em oposição à temporalidade da vida dos homens ditos passivos ou mecânicos, os quais se submetem à passagem repetitiva dos dias e do próprio tempo em uma sucessão ininterrupta. Postulada na Poética, de Aristóteles, essa lógica implica uma racionalidade ficcional que se fundamenta no encadeamento de causas e efeitos, determinado pela verossimilhança e pela necessidade, e, por extensão, em uma narrativa com início, meio e fim claramente delimitados e estabelecidos. Para Rancière, a ficção é um modo de racionalizar a realidade e, por isso, não se confunde

com fantasia. No caso da teoria aristotélica, a racionalização ficcional liga-se a uma tentativa de ordenamento de um dado modo de vida. Esse ordenamento aparece não só na literatura, mas também em outras formas de conhecimento, a exemplo das próprias ciências. Em contrapartida, a literatura moderna, em que se insere a obra de Rosa, desafia constantemente essa lógica, colocando-se às margens, ou bordas, da ficção, já que rompem criticamente o mundo sem bordas, ou sem barreiras, da vida dos homens que agem. Os contos reunidos em Tutameia, quase-histórias ou histórias sobre o nada, instalam-se nesse crítico lugar, e queremos demonstrar, com a presente comunicação, como isso ocorre, lançando luz para uma nova leitura da obra rosiana.

Margens da ficção; Literatura moderna; Poética rosiana; Desafio à lógica.

"PIRLIMPSIQUICE" ENTRE A PREVISÃO DA ARTE DOMESTICADA E O IMPREVISTO DA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA

Paloma Porto
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este artigo propõe uma leitura de "Pirlimpsiquice", conto de João Guimarães Rosa publicado em Primeiras estórias (1962), a partir da tensão entre a previsão da prática artística institucionalizada e o caráter imprevisto da experiência artística. Propõe-se a noção de arte domesticada para designar não uma arte destituída de potência ou necessariamente submetida a regras e técnicas, mas uma relação com a criação na qual procedimentos, lugares e efeitos tendem a ser previamente determinados. No conto, a apresentação teatral organizada pelo Colégio é submetida ao roteiro, à distribuição de papéis, aos ensaios e à condução de Dr. Perdigão. Quando a representação prevista fracassa, entretanto, surge uma criação coletiva impulsionada por Zé Boné, cuja capacidade representativa já se manifestava fora da estrutura oficial do espetáculo. Nesse deslocamento, interessa observar também a tensão entre os lugares atribuídos aos sujeitos pela instituição e as capacidades que se tornam reconhecíveis no encontro com o outro e diante da contingência. Em diálogo com Antonio Candido (2017), Jacques Rancière (2002), Jorge Larrosa Bondía (2002) e Hans-Georg Gadamer (1985), analisa-se a passagem da reprodução à criação e da atividade artística à experiência, bem como os critérios pelos quais determinadas capacidades se tornam reconhecíveis. Argumenta-se que "Pirlimpsiquice" não apresenta uma instituição que simplesmente rejeita a arte, mas problematiza os limites de sua aceitação quando o acontecimento artístico ultrapassa aquilo que havia sido previsto para ele. A possibilidade, posteriormente cogitada pelos padres, de impedir novas "festas dessas" evidencia o paradoxo central do conto: a instituição cria as condições para a experiência artística, mas recua diante daquilo que já não consegue antecipar ou controlar.
Guimarães Rosa; "Pirlimpsiquice"; experiência artística; educação; arte domesticada.

A fome e o corpo: uma leitura descolonial de Grande Sertão: Veredas

Juarez Moreno de Camargo e Silva
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul(UFMS))

Partimos de uma perspectiva crítica descolonial, a partir da corpogeobiopolítica de Edgar Nolasco, e propomos uma leitura de Grande Sertão: Veredas que considera o corpo fronteiriço como lugar epistemológico a partir do qual essa leitura é realizada. A pesquisa investiga como a experiência corporal da carência participa da constituição do eu e da percepção do outro, compreendendo a fome para além da representação da escassez, como experiência situada capaz de produzir saberes sobre o corpo, o território e as relações de poder. A fortuna crítica sobre o autor consolidou importantes debates acerca da linguagem, da oralidade e do misticismo, e a articulação entre linguagem, corpo e fome desloca a leitura da subjetividade e da alteridade para a materialidade da experiência corporal. A partir da des-formação gastrocrítica, pensada em perspectiva descolonial, a teorização acompanha como a narrativa de si transforma experiências de carência em matéria de memória e conhecimento, ao mesmo tempo em que tensiona as relações de poder que atravessam o corpo e o território. Concluo que, em Grande Sertão: Veredas, a fome ultrapassa a representação da escassez e constitui uma experiência corporal situada que participa da formação do sujeito, desloca as formas de percepção do outro e de si e produz modos de conhecimento vinculados ao corpo e ao território, podendo, em determinadas circunstâncias, assumir uma dimensão de resistência.

TRAVESSIAS DO "GRANDE SERTÃO: VEREDAS": A TRANSPOSIÇÃO INTERMIDIÁTICA DE DO ROMANCE PARA OS QUADRINHOS

Gabriely Rosa Caetano
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) / Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG)

Esta comunicação apresenta os resultados de uma pesquisa que investigou os procedimentos estéticos envolvidos na adaptação do romance Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa, para o romance gráfico homônimo, de Eloar Guazzelli Filho e Rodrigo Rosa. Desde sua publicação em 1956, o romance de Rosa tem sido objeto de vasta fortuna crítica e de inúmeras pesquisas acadêmicas. Também são múltiplas as mídias para as quais ele já foi adaptado, como cinema, teatro e quadrinhos. O romance gráfico Grande sertão: veredas foi publicado em 2014, quase 60 anos após a primeira edição do romance rosiano. Ao contrário deste, ainda são escassos os estudos que elegeram essa adaptação como corpus. Com vias a preencher essa e outras lacunas, o estudo em questão investiga, por meio da pesquisa bibliográfica e da análise qualitativa, como o narrador-personagem e algumas das personagens literárias, perpassando pela paisagem do sertão, foram transpostas para os quadrinhos. Para tanto, foram utilizados, dentre outros, os estudos de Forster, Moisés e Reis sobre o romance; os de Clüver, Ramazzina Ghirardi, Rajewsky e Diniz quanto à intermidialidade; e os de Eisner, McCloud e Groensteen acerca da linguagem dos quadrinhos. A partir da análise empreendida, conclui-se que a obra explora recursos visuais para transpor o sertão, o narrador e as personagens, de modo que é possível afirmar que Riobaldo, Diadorim, Hermógenes e Ricardão apresentam caracterizações semelhantes às fornecidas pelo narrador rosiano, com adequações à nova mídia.
Adaptação; Grande sertão: veredas; Literatura; Quadrinhos; Transposição intermidiática.

O eu e o outro na prosa rosiana

Coordenação Mônica Gama

De *Grande sertão: veredas* a *Tutameia*: uma hipótese de trabalho sobre a obra de Guimarães Rosa

Maurício Reimberg (USP)

Esta comunicação busca apresentar uma hipótese de trabalho sobre o percurso literário de Guimarães Rosa após Grande sertão: veredas (1956), considerando, especificamente, o modo como a representação da violência torna-se ali componente de uma leitura muito própria da modernidade brasileira no sertão – no momento de culminação e crise do imaginário coletivo que projetava, no futuro, possibilidades de integração nacional. No romance, a relação entre a violência do mando pessoal e a tarefa de ordenação do mundo tende a assumir estatuto reversível (nos termos célebres de Antonio Candido), podendo ser imaginada, simbolicamente, como forma de redenção a partir de um embate ético entre Mal e Bem. Assim, por meio da epicização do discurso de Riobaldo, emoldurado pelo diálogo com um doutor, configura-se uma situação narrativa em que o outro (ex-matador e agora proprietário) fala à cidade, sendo por ela avaliado. Já em Primeiras estórias (1962), nos enredos em que se acentua de maneira anedótica a presença da norma citadina, a notação risível do anticlímax tende a descomprimir a tensão e o terror iminente – de modo que a própria figura do Estado é vista, ao mesmo tempo, como agente de destruição da natureza viva e fator de contenção da anomia social. O exame dessas ambivalências rosianas torna-se talvez ainda mais decisivo porque nos últimos contos do autor, compilados em Tutameia (1967), o anseio nada banal de apaziguamento e de continuidade da vida não conduz necessariamente ao riso cômico (nem se apresenta como contraponto à ameaça de violência); tende antes à valorização enigmática de uma comunidade endógena, que, entretanto, mostra-se capaz apenas de projetar uma vida individualizada nos laços de um clã familiar ou de um pequeno território apartado, cujo significado nos interessa investigar.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; literatura brasileira; modernização social

Alteridade no “Grande sertão: veredas”: a violência de Hermógenes e a construção do duplo monstruoso

Matheus Souza Zanardini (Unioeste)

Analisando a construção de Hermógenes pelo relato de Riobaldo no "Grande sertão: veredas", é possível perceber como a função narratológica da caracterização do personagem parte de um movimento de rejeição do narrador ao Outro nele expiado como tentativa de afastamento da violência associada a ele e à sua ação na narrativa. O objetivo de tal análise é verificar como a dimensão corporal atribuída a Hermógenes, rebaixando-o a animalizações de sua forma, e os repúdios ao efeito de sua voz e como ela movimentava a luta vivida pelos jagunços, são recursos pelos quais o narrador usa o personagem pactário como o símbolo da

angústia norteadora de seu relato, rejeitando-o para afirmar para si a diferença que os separa, convencendo-se de que a origem atribuída à violência de Hermógenes não constitui ele mesmo, Riobaldo, como sujeito. Sustenta-se tal olhar a partir de estudos da função narratológica da violência, como "A violência e o sagrado", de Girard, "Genealogia da ferocidade", de Santiago, dialogados com estudos voltados à construção de alteridade pela mimese narrativa, como "Mimesis e modernidade", de Lima, e "Totalidade e infinito", de Levinás, amparados a trabalhos diretamente aplicados à construção de sujeito e imaginário na prosa rosiana, como "Zanzando pelo sertão", de Fortes. O estudo parte da metodologia de pesquisa bibliográfica qualitativa entre a leitura do romance de Guimarães Rosa e de textos teóricos de apoio, o que possibilita analisar os recursos de focalização da narrativa que demonstram, a partir da alteridade na narrativa, o afastamento entre Eu e Outro no relato de Riobaldo. Portanto, é possível perceber como o rebaixamento de Hermógenes atua como confirmação do afastamento entre Riobaldo e a violência metafísica de que ele busca se convencer que não existe, depositando sua manifestação monstruosa em um duplo, como definido por Freud, depositado no Outro representado por Hermógenes.

Grande sertão: veredas; narratologia; alteridade; violência.

Duplo espelhamento desigual: o jogo da alteridade na formação das Primeiras estórias

Rafael Rocha Pansica
Unicamp

A apresentação tratará da arquitetura do livro Primeiras Estórias (1962), de João Guimarães Rosa. Proponho pensar sua forma a partir de dois princípios de alteridade, cifrados em dois de seus contos: [1] “O espelho”, que articularia logicamente os contos do livro em pares definidos por um princípio de especulação; [2] “Nenhum, Nenhuma”, que articularia mais rizomaticamente seus contos através de um princípio de transversalidade. Para sustentar tal hipótese de leitura, trabalhei especialmente com os desenhos que famosamente ilustram a capa, a contracapa e o sumário do livro - questionando se tais desenhos poderiam de fato ser considerados apenas como paratextos.

Primeiras estórias; Guimarães Rosa; Especulação e torção; Arquitetura do livro.

O rosto do Outro no sertão: alteridade, contexto e ética em *Grande Sertão: Veredas*

Igor Alves Noberto Soares (Afya Sete Lagoas)

O presente resumo expõe uma leitura da obra “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, a partir do encontro dialógico entre a metafísica da alteridade em Emmanuel Levinas e a filosofia da libertação de Enrique Dussel. A experiência de Riobaldo no sertão pode ser compreendida como o despertar de uma cultura de encontro com o Outro, cuja presença desestabiliza certezas e identidades de relação com o mundo. Nesse sentido, a relação entre Diadorim e Riobaldo constitui o núcleo da análise, pois o personagem se apresenta como verdadeiro desafiador das categorias pelas quais Riobaldo procura justificar a si mesmo e ao Outro. A partir da noção levinasiana de “rosto”, ainda demarcada como a interrupção de

uma atividade reducionista do Outro ao egoísmo do Mesmo (o ser todo de si), o trabalho convoca o sujeito à responsabilidade pela vida alheia, em toda a sua dureza, motivo pelo qual pretende-se investigar como a narrativa rosiana representa experiências de alteridade e libertação em um universo marcado pela violência. Em diálogo com Enrique Dussel, busca-se compreender o Outro a partir de sua exterioridade em relação à totalidade dominante e refletir sobre as possibilidades de emergência das práticas de justiçamento diante da violência e da negação da alteridade. Ou seja, um rosto precisa ter um contexto. A análise pretende demonstrar as tensões dessa narrativa nas fronteiras entre as dicotomias da experiência humana para pensar a constituição do sujeito não como experiência solitária, mas como processo atravessado pela presença irredutível do Outro no sertão é tomado não apenas como espaço geográfico ou social, mas como espaço ético de confrontação com o Outro. Grande Sertão: Veredas; Alteridade; Outro; Contexto; Libertação

Contar o sertão, narrar a si: escuta e alteridade em Grande sertão: veredas e A Porta Aberta do Sertão

Renata Ribeiro (USP)

Na apresentação proponho a aproximação entre Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa, e A Porta Aberta do Sertão: Histórias da Vó Geralda, de Isla Nakano, Geralda de Brito e Renata Ribeiro, a partir da questão: quem somos quando contamos o sertão que vivemos? Como uma das autoras de A Porta Aberta do Sertão, parto também de minha experiência no processo de escuta das histórias de Vó Geralda e de sua passagem da oralidade para a escrita. Em Grande sertão: veredas, Riobaldo revisita sua trajetória ao narrá-la a um interlocutor, transforma a lembrança do vivido em espaço de indagação e elaboração de si. Sua fala se constrói na presença desse outro, cuja escuta atravessa a própria forma do relato. Em A Porta Aberta do Sertão, as memórias de Vó Geralda também se constituem em uma situação de interlocução: pessoas, acontecimentos e lugares são retomados pela palavra e compartilhados com aqueles que a escutam. Colocadas em diálogo, as duas obras permitem refletir sobre modos distintos de narrar a experiência no sertão e sobre como memória e interlocução participam da construção do eu. O território integra esse movimento como espaço vivido, lembrado e narrado, que atravessa as relações entre experiência individual e memória compartilhada. A apresentação busca, assim, pensar a escuta como lugar de encontro entre o eu e o outro e como dimensão constitutiva da própria possibilidade de narrar-se. Guimarães Rosa; memória; alteridade; oralidade; escuta.

O interlocutor silencioso e a construção do discurso em *Meu tio, o Iauaretê,* de Guimarães Rosa

Lilia Chaves da Silva Mayer (PUC MG)

O artigo investiga a função do interlocutor silencioso no conto *Meu tio, o Iauaretê*, de João Guimarães Rosa, partindo da hipótese de que, embora sua fala jamais seja

registrada, sua presença organiza a construção do discurso do onceiro e constitui um princípio estruturador da enunciação. Em vez de privilegiar interpretações centradas na metamorfose do onceiro ou nas questões identitárias presentes na fortuna crítica da obra, a análise desloca o foco para a situação narrativa concebida por Rosa, buscando compreender de que modo a presença silenciosa do visitante organiza o discurso do protagonista. Para isso, a análise fundamenta-se nas concepções de Mikhail Bakhtin (2010) sobre as relações dialógicas e o microdiálogo; e nas reflexões de Mírian Zappone (2009) acerca da participação do leitor na produção dos sentidos. A análise demonstra que o discurso do onceiro se constitui em permanente resposta a um interlocutor cuja fala nunca é registrada, mas permanece inscrita em negações, reformulações, justificativas e antecipações. Ao mesmo tempo, a supressão dessa voz transfere ao leitor a tarefa de reconstruir a cena enunciativa a partir dos vestígios deixados no texto, enquanto a reorganização das vozes evidencia relações de poder que atravessam a narrativa sem se explicitarem diretamente. Conclui-se que o interlocutor silencioso não desempenha apenas a função de destinatário do relato, mas participa da própria arquitetura narrativa, fazendo do silêncio um procedimento estético que organiza a enunciação e orienta a produção dos sentidos.

Guimarães Rosa; Meu tio, o Iauaretê; interlocutor silencioso; enunciação; dialogismo.

Voz-onça e devir animal em Guimarães Rosa: a zoopoética decolonial de *Meu tio o Iauaretê*

Alexandra Cristina de Moura (UFMG)

João Guimarães Rosa inovou a literatura brasileira moderna ao conferir protagonismo a personagens animais e explorar as fronteiras entre o humano e o não humano. Destaca-se o conto ""Meu tio o Iauaretê"", em que o protagonista, um assassino de onças e descendente de mãe indígena, se transforma em onça ao mesmo tempo em que vai criando uma língua-onça e reconhecendo parentesco com o animal. Neste trabalho examinaremos como o conto constrói uma voz-onça e os devires animal e indígena, além de analisar os modos de enunciação que os sustentam no texto monologal rosiano. Entende-se devir-animal (Deleuze; Guattari, 1980) como o processo de desestabilização de identidades fixas, a partir de linhas de fuga que produzem subjetividades híbridas. A essa perspectiva soma-se a zoopoética de Maria Esther Maciel (2023), para quem a voz animal na literatura não opera como personificação antropocêntrica, mas como voz poética que se origina no animal e se realiza nas possibilidades da linguagem Relaciona-se à leitura do conto, também, ao perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 2002) para entender como o processo xamânico de transformação em onça do protagonista opera como resistência colonial. Portanto, ao mesclar as línguas portuguesa e tupi aos recursos sonoros que remetem aos sons de uma onça, e ao colocar o animal como figura central, Rosa mobiliza uma zoopoética de caráter decolonial, que desestabiliza a centralidade humana e reconhece as alteridades animal e indígena, desafiando as lógicas coloniais de domesticação da língua, da cultura e dos corpos indígenas.

Animalidade; indígena; perspectivismo; voz; zooliteratura

Duplo espelhamento desigual: o jogo da alteridade na formação das Primeiras estórias

Rafael Rocha Pansica (Unicamp)

A apresentação tratará da arquitetura do livro Primeiras Estórias (1962), de João Guimarães Rosa. Proponho pensar sua forma a partir de dois de dois princípios, cifrados em dois de seus contos: [1] “O espelho”, que articularia logicamente os contos do livro em pares definidos por um princípio de especulação; [2] “Nenhum, Nenhuma”, que articularia mais rizomaticamente seus contos através de um princípio de transversalidade. Para sustentar tal hipótese, ofereço também uma interpretação inédita dos desenhos que ilustram a capa, a contracapa e o sumário do livro - questionando se tais desenhos podem ser entendidos de fato apenas como um paratexto.

Primeiras Estórias; Guimarães Rosa; especulação e torção; arquitetura do livro

Memória, História e Pensamento social em Guimarães Rosa

Coordenação Sérgio da Mata

MORTE CÊNICA E PERVIVÊNCIA FABULOSA EM GUIMARÃES ROSA: "PÁRAMO" E "ESSES LOPES"

Julián David González Moreno
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Marcelo Marinho
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

O presente estudo centra-se na leitura contrastiva de duas narrativas breves de João Guimarães Rosa (1908-1967), em cotejo com o conceito benjaminiano de Fortleben (pervivência): "Esses Lopes" (Revista Pulso, 1966, republicado em Terceiras Estórias, 1967) e "Páramo" (Estas Estórias, póstumo, 1969). Em nossa leitura daqueles relatos poéticos de aparência pretextualmente historiográfica, a senequiana morte litúrgico-cenográfica (a "Bela Morte" da tradição helênica) e a benjaminiana pervivência narrativa articulam-se como ponto de inflexão para a prospecção de sentidos no tangente ao enigmático falecimento do embaixador romancista, ocorrido em 19 de novembro de 1967, três dias após sua posse na Academia Brasileira de Letras. Os enredos de ambas narrativas ambientam-se na América Latina: o Paraguai do Século XIX (Mendez, 2021) e a Colômbia do célebre Bogotazo de 1948 (Escallón, 2013), palcos para a apoteose continental da morte pública dramatizada. Partimos da hipótese de que as mortes espetaculares do paraguaio Francisco Solano López e do colombiano Jorge Eliecer Gaitán são tomadas pelo autor mineiro como figuras narrativas de uma pedagogia do perecimento heroico, nas quais a morte pública, teatralizada e historicamente irradiadora, converte-se em princípio de legibilidade e legitimidade retrospectiva da existência. Assim, argumentamos que Rosa, ao inscrever em suas ficções uma poética da morte ritualizada e da sobrevivência textual, parece antecipar alegoricamente sua própria travessia rumo às estrelas e ao infinito (∞), convertendo o desaparecimento biopoético em cifra literária de pervivência: no anoitecer carioca e ao despontar das Plêiades sobre o imenso oceano frente à Praia de Copacabana (MARINHO, M.; OLIVEIRA, M., 2021), sua morte vem ofertar corpo-presente à última metáfora de uma existência destinada a permanecer incandescente mesmo após a passagem derradeira, para além do pó. E a Carne, devolvida ao Tempo, faz-se Verbo.
João Guimarães Rosa; "autobiografia irracional"; Fortleben; Pervivência; História

Guimarães Rosa: poeta da "nova civilização" e outros mitos flusserianos

Ricardo Mateus Thomaz de Aquino
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Vilém Flusser definiu Guimarães Rosa como seu "grande mestre brasileiro". Esta apresentação reconstrói brevemente a presença roseana nas descrições de Flusser sobre a cultura brasileira. Proponho aqui uma relação diacrônica entre os textos de Flusser acerca da obra de Guimarães Rosa, escritos ao longo dos anos 1960 e conservados apenas no Arquivo Vilém Flusser, e a Fenomenologia do brasileiro, escrita por volta de 1971. Exploro principalmente o argumento de que "o universo da obra de Guimarães Rosa tem a estrutura do universo do mito: espaço a-histórico, dentro do qual corre um tempo incongruente com a linearidade do tempo do

historicismo” (Vilém Flusser. Guimarães Rosa e a geografia, Revista Comentário, 1969). Procuro então compreender o interesse pela obra de Guimarães Rosa no interior do projeto intelectual desenvolvido por Flusser em torno do conceito de “pós-história” durante sua época brasileira. Argumento que nas análises de Flusser sobre Guimarães Rosa podemos observar com clareza a dualidade contida nesse conceito: se por um lado expressa o absurdo da “falta de fundamento” (Bodenlosigkeit) legado pelo que Flusser chama de “historicismo”, por outro revela o potencial criativo e aventuroso de uma “sociedade a-histórica” que pode fornecer ao Ocidente os novos fundamentos de um modelo de vida depois do fim da história. Desenvolvo, por fim, a ideia flusseriana de que Guimarães Rosa não é simplesmente um "mitólogo" que conta "estórias" do sertão brasileiro, mas sim um “poeta” que usa desse pretexto geográfico para revelar, criar e enunciar os mitos próprios da “nova civilização” e do “novo homem” que Flusser vê surgir no Brasil.

Vilém Flusser; Guimarães Rosa; pós-história; Fenomenologia do brasileiro.

Um léxico para duas vidas: invenção e memória em “A Terceira Margem do Rio”

João Marcelo Struchi Bebiano de Amorim
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

O presente trabalho tem por objetivo debater escrita e leitura, não como binômios opostos e complementares, mas como gestos ativos e criativos (CERTEAU, 1994). Para tanto, se baseia no conto “A Terceira Margem do Rio”, de João Guimarães Rosa, publicado em seu livro Primeiras Estórias, lançado no ano de 1962. Muitas vezes vinculado à noção de regionalismo, proliferam associações que colocam esse autor em uma posição de cronista social: nesse caso, como alguém que objetiva (ou cujo grande trunfo seria) retratar uma determinada área cultural e transmitir seus valores, entre o fidedigno e a fábula, a partir de suas escolhas estilísticas e criativas. Nosso trabalho propõe uma inversão provocadora: observar em Guimarães Rosa, a partir do conto escolhido, não um representante, mas um agente, que se constrói e foi construído na relação com espaços e tradições dos quais não se separa, expressas em sua obra no conteúdo e na forma. Por fim, apresentamos e discutimos a adaptação fílmica de “A Terceira Margem do Rio”, do cineasta Nelson Pereira dos Santos, um dos fundadores do movimento do Cinema Novo, demonstrando, em suas particularidades e escolhas, o elemento criativo da leitura e da (re)escrita, apoiado, assim, também, na memória e na subjetividade.

invenção; memória; leitura; João Guimarães Rosa; Nelson Pereira dos Santos

O sensível partilhado em João Guimarães Rosa: uma análise do conto Os irmãos Dagobé à luz da teoria de Jacques Rancière

ELAINE CRISTINA ANDRADE PEREIRA
PUC MINAS

Essa proposta tem por objetivo analisar o conto Os irmãos Dagobé, de João Guimarães Rosa, tendo como embasamento teórico a obra Políticas da escrita de Jacques Rancière (1995). Tal leitura busca verificar as possíveis estratégias de escrita utilizadas por Rosa, que possibilitaram, dentro do discurso composto, novas reflexões acerca do discurso histórico pessimista, por meio da política do dizer. Essa estratégia inovadora, denominada por Rancière (1995) como a partilha do sensível, nos parece permitir a emersão de uma nova maneira de se fazer estética em literatura, tendo como possível objetivo, propor novos olhares e interpretações literárias ao que se refere ao binômio estética/política.

Literatura. Política. Estética. Escrita. Partilha do sensível. Violência. Social. Pensamento coletivo.

Do Sertão ao Mundo: os Institutos Guimarães Rosa e a Diplomacia da Língua Portuguesa na América Hispânica

Ivan Lucas de Oliveira

Universidade de São Paulo

Este trabalho apresenta uma pesquisa em desenvolvimento sobre a política de difusão do Português como Língua Estrangeira (PLE) conduzida pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE/Itamaraty) em três países sul-americanos de língua espanhola: Argentina, Chile e Peru. Partindo da constatação de que as unidades de ensino da rede – os Institutos Guimarães Rosa – homenageiam simultaneamente o escritor e o diplomata, o estudo analisa como a Proposta Curricular do Itamaraty (2020) orienta o ensino de Português para Falantes de Espanhol (PFLE) diante do desafio da interlíngua instável, popularmente conhecida como "portunhol". A metodologia é documental e comparativa, com base na Proposta Curricular (2020) e em dados de aplicação do Celpe-Bras nos três países. Os resultados parciais indicam que a proximidade linguística, embora amplie a demanda pelo idioma, exige estratégias didáticas contrastivas e investimento em formação docente continuada. A comunicação busca, assim, articular a reflexão sobre política linguística externa brasileira à celebração do legado de Guimarães Rosa, contribuindo para ampliar o alcance do Fórum entre estudantes interessados em linguística aplicada, política linguística e relações internacionais.
Guimarães Rosa; Política Linguística; Português como Língua Estrangeira (PLE); Institutos Guimarães Rosa; Itamaraty; Celpe-Bras.

Entre Paraopeba e Cordisburgo: memória, história e território na genealogia de João Guimarães Rosa

Gabriel Eugênio de Sales
Museologia / Patrimônio Cultural
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

Esta comunicação investiga as conexões históricas e familiares entre Paraopeba e Cordisburgo a partir da linhagem materna de Guimarães Rosa. Com base em pesquisa documental e memorialística, recupera personagens e espaços dessa genealogia, com destaque para os bisavós Francisco de Assis Guimarães (Nhô Chico) e Graciana Teixeira Lomba. Busca-se compreender como essas memórias ampliam o território histórico e cultural associado ao escritor e revelam processos de preservação e silenciamento da memória familiar.

Os Sertões na sala de aula: abordagens possíveis na educação literária

Coordenação de Rita Lages

JOÃO GUIMARÃES ROSA PARA CRIANCAS PEQUENAS

Fabiola Fernanda Maria de Carvalho Pimentel
EE Dr. José Gonçalves
Maria Marismene Gonzaga
Projeto Ler é (Re) inventar o Mundo

A leitura e mediação de Zoo (2023) – obra de Guimarães Rosa, ilustrações e projeto gráfico de Roger Mello e seleção de Luiz Raul Machado – teve como finalidade apresentar às crianças a literatura de Guimarães Rosa, um dos maiores escritores brasileiros, cuja obra tem reconhecimento nacional e internacional. Para desenvolver os trabalhos, a professora da turma ministrou conteúdo sobre gênero de texto receita. Em seguida, os alunos fizeram uma receita de massa de modelar. Após leitura e apreciação da obra, foram confeccionados bichinhos que, posteriormente, foram expostos. Ao final, as crianças falaram sobre a atividade. Os fundamentos teóricos que sustentam o relato de experiência foram Girotto e Souza (2010), Guimarães e Faria Dutra (2026), Marcuschi (2008), Debus et al. (2020) e BNCC (2017). A realização da atividade permitiu observar como a literatura pode despertar a curiosidade e o interesse das crianças e ao mesmo tempo estimular a oralidade, a imaginação e a capacidade de interpretação. O contato com o livro proporcionou não apenas um momento de leitura, mas também uma oportunidade de interação, diálogo e construção de conhecimentos. O mediador possui um papel importante nesse processo, pois pode estimular a participação dos alunos e criar um ambiente no qual eles se sintam à vontade para expressar suas ideias. A execução de cada etapa da aula, a interação dos alunos com as atividades, em especial, com o livro literário mostrou o resultado positivo dos trabalhos.
Palavras - chave: literatura, gênero textual, Guimarães Rosa, receita, crianças pequenas.

Entre páginas e territórios: uma experiência de leitura literária no Ensino Médio sobre moradia e desigualdade social

Giseli Ferreira Barros
Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto (CAOP)

Este relato de experiência apresenta uma proposta de abordagem da literatura no Ensino Médio a partir da leitura de três obras — Auto da Compadecida, de Ariano

Suassuna, Torto Arado, de Itamar Vieira Junior, e Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, de Carolina Maria de Jesus — trabalhadas, respectivamente, com as turmas da 1ª, 2ª e 3ª séries. A atividade teve como eixo articulador a questão da moradia e as relações estabelecidas pelas personagens com a terra, compreendidas como espaços de pertencimento e conflito social, considerando suas dimensões históricas. O objetivo foi promover uma leitura crítica das relações entre literatura, território e desigualdade social, sem dissociar a abordagem temática da dimensão estética das obras. Nesse percurso, os estudantes analisaram a construção de personagens submetidas a diferentes formas de exclusão social e territorial e estabeleceram relações entre os textos e diferentes formas de ocupação e pertencimento. Em Auto da Compadecida, discutiram-se as condições de vida no sertão e os espaços ocupados pelas personagens; em Torto Arado, a relação com a terra foi analisada à luz da ancestralidade, do trabalho e da concentração fundiária; e, em Quarto de Despejo, a moradia foi abordada a partir da experiência de Carolina Maria de Jesus na favela, evidenciando processos de exclusão socioespacial. Ao final, cada turma construiu uma maquete representando os espaços ocupados pelas personagens, posteriormente apresentada à comunidade escolar durante a "Mostra Literária". A experiência evidenciou o potencial da literatura para promover a reflexão crítica sobre desigualdades sociais e territoriais, além de favorecer o protagonismo estudantil e a construção de sentidos no diálogo entre literatura e realidade social.

Literatura Brasileira; Ensino de Literatura; Moradia, Território

O SERTÃO DENTRO DA GENTE: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS E ORALIDADE ENTRE EDUCADORES

FABIANA VIANA
WALQUÍRIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA

Nossa intenção, com esta comunicação, é falar das experiências que temos realizado com educadores da Educação Básica, seja no âmbito do atendimento clínico psicológico ou da formação continuada. Há mais de uma década, atuamos nessas duas frentes, compartilhando a potência do trabalho com textos orais – sobretudo, as fábulas e as lendas –, na sensibilização de profissionais que atuam nas escolas com crianças.

Sob a motivação de construir relações mais humanizadas e bem-estar nas escolas, a utilização de narrativas da tradição tem se mostrado estratégia importante para cuidar e acolher os professores em suas angústias e dilemas diários; bem como para gerar, junto deles, novos e melhores recursos para a condução de suas aulas. Tais experiências dialogam e tocam o universo rosiano, pois têm as narrativas orais como caminho para acessar aquilo de sertão – ou seja, de único e universal – que compõe a identidade de cada educador e criança. Nessa direção, ao nos dedicarmos a uma escuta atenta dos educadores, temos investido na contação de fábulas e lendas, considerando seus ritmos e musicalidades; e, da mesma forma, entendendo-as como possibilidade para pensar sobre nossos

valores e sobre aquilo que, em uma primeira visada, é para nós inexplicável. Nessa escuta mais qualificada, que decorre do trabalho com essas narrativas, oferecemos espaço para que o educador conheça, valorize e organize seus mundos internos; nesse caminho, pelo chão da escola, ele vai encontrando também a possibilidade de perceber o mundo interno de seu aluno. A experiência de oralidade se torna autoformação e a sala de aula se transveste em travessia. Nessa travessia, construída com o outro e no espaço da sala de aula, encontramos não apenas parte do universo, metaforicamente, descrito por Guimarães Rosa, mas também o horizonte para a construção da relação Eu-Tu, da forma como definida pelo filósofo Martin Buber. Vendo-nos todos como caminhantes e cultivadores de um sertão interior, poderemos fazer escolhas mais amorosas com o outro e respeitosas com nossos limites e potências. Poderemos, ainda, ver mais longe e com mais leveza o caminho percorrido, considerando aquilo que nos ensina Riobaldo: “O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando".

ORALIDADE; LITERATURA; SALA DE AULA; FORMAÇÃO DE PROFESSORES